

## AULAS DE QUÍMICA NA CONCEPÇÃO DOS DISCENTES DA MODALIDADE EJA

Caroline Lins Fernandes<sup>1</sup>; Juan Clayton Reis de Lima<sup>2</sup>; Maria Janaína de Oliveira<sup>3</sup>;  
Kaline Rosário Morais Ferreira<sup>4</sup>; Maria da Conceição de Menezes Torres<sup>5</sup>.

<sup>1</sup>Universidade Estadual da Paraíba, clflins@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Estadual da Paraíba, juan-clayton@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Alagoas, jana.uepb@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Estadual da Paraíba, tkmoraisferreira@hotmail.com

<sup>5</sup>Universidade Estadual da Paraíba, cei\_menezes@yahoo.com.br

### Introdução

As disciplinas da área de exatas são vistas de forma negativa, pela maioria dos discentes. A Química, por exemplo, começa a ser desaprovada, a partir do 9º ano e muitos estudantes carregam dificuldades quanto a aprendizagem, fazendo com que esses pensamentos persista até o final do Ensino Básico. Isso acontece também, pois segundo Araújo (2016), alunos que não desenvolveram a disciplina da maneira desejada repassam essa experiência para os alunos mais novos, e esses por sua vez chegam em sala com preconceito e com a ideia de que não conseguirá aprender a tal disciplina. Essa atitude não está restrita apenas aos alunos do Ensino Regular, os discentes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) também apresentam essa concepção.

Esse fato ocorre como consequência de inúmeros coeficientes que rodeiam a modalidade EJA. Um desses fatores, sem dúvida, é a formação deficiente dos professores, que em concordância com Valim (2008), poucos são os cursos superiores que oferecem uma formação inicial característica para os que já trabalham e/ou queiram trabalhar na Educação de Jovens e Adultos. Uma vez que essa é uma modalidade de ensino que se apresenta com diversas especificidades. Dessa forma, a falta de preparação e por considerarem o tempo de duração de uma aula muito reduzido, 30 minutos, os professores utilizam procedimentos didáticos simples ou nenhum recurso diferenciado, tendo em mente que serão suficientes para ministrar uma aula que de fato ajude na aprendizagem dos alunos. Porém, segundo Alvez *et al.* (2012), muitos docentes não sabem agir pedagogicamente para tornar o ensino mais interessante e atrativo, não desmistificando assim, a ideia de uma disciplina complexa e difícil de ser entendida.

Simultaneamente a essas situações, os discentes se deparam com a chamada educação bancária, a qual é extremamente criticada por Freire (1974). Essa educação enxerga o aluno como uma conta pronta para receber “depósitos” de conhecimentos, onde o discente é visto como um agente passivo na aprendizagem. Entretanto, nenhum conhecimento é efetivamente absorvido pelos alunos quando a disciplina é ministrada dessa maneira, originando, um componente incompreensível, enfadonho e sem ligação com o cotidiano do alunado.

A falta de conexão entre o conteúdo ministrado e o contexto dos discentes torna toda a matriz curricular obrigatória dispensável e sem sentido para os alunos, isto é, os discentes passam a enxergar a Química como uma matéria que não tem absolutamente nada a oferecer para melhorar suas vidas, e passam a ter uma resposta muito rápida e firme quando se é perguntado se gostam das aulas de Química. Essa resposta rotineiramente é negativa.

Nesse contexto, torna-se imprescindível superar esses pontos restritivos no processo de ensino e aprendizagem, proporcionando o acesso aos conhecimentos químicos que permitam mudar as concepções que os alunos apresentam sobre a disciplina, se permitindo assim, aprender para se tornar verdadeiros cidadãos, já que esse é um dos principais objetivos da Química. Ademais, proporcionar uma “construção de uma visão de mundo mais articulada e menos fragmentada,

contribuindo para que o indivíduo se veja como participante de um mundo em constante transformação” (BRASIL, 1998).

Dessa maneira, esse trabalho tem como objetivo recolher e analisar dados referentes às concepções que os alunos da modalidade EJA têm sobre as aulas de Química, ministradas em uma Escola Estadual, situada na cidade de Campina Grande-PB, a fim de compreender os motivos responsáveis pela visão errônea que os mesmos possuem referente à disciplina.

## **Metodologia**

O seguinte trabalho se apresenta como uma pesquisa de cunho quali-quantitativa, isto é, caracteriza-se como um estudo exploratório, que em concordância com Gil (2002) tem como objetivo permitir uma maior familiaridade com a problemática em estudo, a fim de torná-lo mais esclarecedor, podendo assim construir hipóteses somados a levantamento bibliográfico.

O público alvo da pesquisa foram 46 alunos de uma Escola Estadual, situada na cidade de Campina Grande – PB. Esses discentes pertencem a Educação de Jovens e Adultos, onde 20 estão inclusos no ciclo V, correspondente ao 1º e 2º ano do Ensino Médio, e 26 alunos divididos em duas turmas do ciclo VI, correspondente ao 3º ano do Ensino Médio.

Para obtenção dos resultados, foi aplicado um questionário constituído por 6 perguntas objetivas que abordavam, principalmente, as concepções que os discentes têm acerca das aulas de Química, quais os recursos didáticos utilizados pelo professor durante as aulas e a presença da contextualização durante a abordagem dos conteúdos ministrados.

Em seguida, os dados obtidos foram transformados em porcentagem, visando melhorar a compreensão na avaliação dos resultados.

## **Resultados e discussão**

De acordo com os dados obtidos, pode-se perceber que os alunos do ciclo V assinalaram, na sua maioria, que gostavam de estudar Química, cerca de 85% forneceram essa resposta. Porém, quando foi perguntado se tinham dificuldades em aprender o conteúdo de Química ministrado em sala de aula, aproximadamente 50% dos discentes responderam que sim. O que gera um paradoxo, já que dificilmente o aluno gosta de estudar uma disciplina que sente dificuldades ou não compreendem. Essa informação levantada foi de extrema importância, pois mostra que apesar dos diversos fatores que contribuem, para deficiência no Ensino de Química, os discentes ainda consideram uma disciplina interessante.

Quando foram questionados quais os recursos utilizados pelo professor em sala de aula, cerca de 55% dos estudantes assinalaram que nenhum recurso era utilizado. O fato que deve ser salientado nesse momento, é que os alunos participantes da pesquisa constituíam uma única turma, isto é, o questionamento não permitia tanta disparidade na porcentagem.

Outros resultados referente a existência de contextualidade nas aulas de Química, revelaram que 80% dos alunos afirmaram que não há ligação dos conteúdos com o cotidiano. Entretanto, 85% dos discentes acreditam que seria mais fácil de compreender os conteúdos através da contextualização.

Porém, mesmo sem a utilização de recursos diferenciados e sem contextualização, cerca de 45% da turma classificaram as aulas de Química como boas.

Ao analisar as respostas fornecidas pelos discentes do ciclo VI o qual era constituído por duas turmas, obteve-se uma porcentagem de 40% de respostas afirmativas quando os estudantes foram questionados se gostam de estudar Química. No entanto, 77% afirmaram que sentem dificuldades nos conteúdos, o que torna, novamente, as respostas contraditórias.

Quanto aos recursos didáticos utilizados, 42% dos alunos responderam que o professor não utiliza nenhum

recurso para ministrar as aulas. Esse resultado faz sentido, pois duas turmas do ciclo VI participaram da pesquisa, permitindo assim a diferença entre a porcentagem das respostas.

Cerca de 85% dos alunos afirmaram não existir contextualização nas aulas e 88% afirmaram que os conteúdos se tornariam mais fáceis com a inserção da mesma.

Por fim, quando questionados sobre a qualidade das aulas, 54% dos estudantes afirmaram que estava em um nível regular.

Deve-se levar em conta a presença do professor em sala de aula no momento da aplicação do questionário, podendo assim, ter influenciado nas respostas, tanto positivamente quanto negativamente.

Outro ponto que deve ser salientado é que não é válido os alunos gostarem da aula de Química e não absorverem o conteúdo ministrado. Deve-se separar essas situações, onde o aluno diz gostar da disciplina porque o docente é legal ou ajuda na nota final, por exemplo. Esse embaralhamento de sentidos muitas vezes prejudica o ensino-aprendizagem dos alunos.

### **Conclusões**

Através da análise dos resultados, pode-se concluir que um grande número dos participantes da pesquisa sentem dificuldades em aprender e entender o que está sendo ministrado em sala, o que é uma consequência da não renovação dos recursos didáticos e a ausência da contextualização. Por esse motivo, é imprescindível que o professor insira em suas aulas um ensino problematizador, interdisciplinar e que envolva o senso crítico dos alunos, despertando, assim, maior interesse em aprender efetivamente os conteúdos da disciplina de Química e, concomitantemente, fazendo-os gostar da mesma.

**Palavras-Chave:** Educação de jovens e adultos; contextualização; dificuldades na aprendizagem.

### **Fomento**

Pró-Reitoria de Extensão – PROEX, Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

### **Referências**

ALVEZ, Regina C.M.; GOMES, Vera R.; NASCIMENTO, Antônio G.; MARTINHO, Mailson. Formação docente: reflexão e didática por um ensino de química atrativo. **Revista brasileira da Educação profissional tecnológica**, v.1, n.5, p. 2-11, out./dez. 2012.

ARAÚJO, José Danilo de. **As contribuições de programas acadêmicos como PIBID no Ensino Básico público**. 2016. 38 f. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação) – Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba. 2016.

Brasil. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**, Resolução CEB nº 3 de 26 de junho de 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1974.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

VALIM (2008) VALIM, Rosangela Alves. **Formação docente para e na educação de jovens e adultos**. 2007, Rio de Janeiro. Monografia de curso de especialização - Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2007. p. 3669- 3681.